Christo não volta (Resposta ao «Voltareis, ó Christo?» de Camillo Castello-Branco)

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Christo não volta (Resposta ao «Voltareis, ó Christo?» de Camillo Castello-Branco)

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

CHRISTO NÃO VOLTA

(Resposta ao «Voltareis, ó Christo?» de Camillo Castello-Branco)

NARRATIVA

POR

ALBERTO PIMENTEL

Meus Deus, enviae segunda vez á terra o vosso divino Filho! Esta negridão gentilica é peor que a de ha dois mil annos. N'aquelle tempo esperava-se; nas entranhas sociaes estremecia o presentimento d'um regenerador... Hoje em dia, nada, nada, ó altissima Providencia! Nada! Mas... voltareis, ó Christo?

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4-A

BRAGA

1873.

PREÇO, 200 réis.

CHRISTO NÃO VOLTA

CHRISTO NÃO VOLTA

(Resposta ao «Voltareis, ó Christo?» de Camillo Castello-Branco)

NARRATIVA

POR

ALBERTO PIMENTEL

Meus Deus, enviae segunda vez á terra o vosso divino Filho! Esta negridão gentilica é peor que a de ha dois mil annos. N'aquelle tempo esperava-se; nas entranhas sociaes estremecia o presentimento d'um regenerador... Hoje em dia, nada, nada, ó altissima Providencia! Nada! Mas... voltareis, ó Christo?

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

96, Largo dos Clerigos, 98

PORTO

EUGENIO CHARDRON

4, Largo de S. Francisco, 4-A

BRAGA

1873.

PORTO: TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA

Rua de Santa Thereza, n.º 4 a 6.

Cartas enviadas ao «Primeiro de Janeiro»

I

Castello de Paiva, junho de 1873.

MEU AMIGO.

Como tem navegado Douro acima e conhece bem as planicies e montanhas que a uma e outra margem se encontram, umas espraiando-se ao nivel da corrente, outras erguendo-se ameaçadoras e

aridas para o ceo, não me dispenso de contar-lhe um caso triste e verdadeiro, porque o presenciei eu, se bem que mal possa ser chronista, porque estou ainda na commoção da surpreza.

Encontrei-o no Porto, e disse-lhe que tinha de partir para Castello de Paiva. Effectivamente parti no dia fixado. Não jornadeei por terra, o que seria incomparavelmente mais rapido, porque me julguei obrigado, a bem de meus proprios interesses, a acompanhar o barco carregado por minha conta. Larguei do caes da Ribeira, cerca da meia noite, para aproveitar a maré até Pé de Moira. Obedeço a um pedido não declarando o dia. Cerca das onze horas da manhã estava em Pé de Moira, onde os marinheiros e arraes almoçaram, comendo uns peixes fritos na barraca de ramas de pinheiro, que o meu amigo conhece, e bebendo pela tradicional bilha de barro vermelho.

Ahi me prophetisou o arraes que o termo da viagem seria moroso, porque não havia vento e o barco ia muito carregado.

Resignei-me.

Armou-se um tolde com a vela, accendi o meu cachimbo, bebi tambem, e comecei a lêr os jornaes que trazia no bolso, disposto a viver sobre agua o tempo que fosse preciso.

Oh! enfadonha coisa este ante-diluviano processo de locomoção! Digo ante-diluviano em rasão de Noé se ter salvo embarcado no dia da grande submersão da terra.

Li os jornaes de fio a pavio, como se diz não sei se em bom portuguez, reli-os, decorei-os. Cheguei a devorar os annuncios com uma soffreguidão de cannibal. Enguli e digiri todos os _barateiros_ e todos os _precisa-se_. Comprehendi então o que ha de profundamente

triste em _precisar_; eu tambem precisava de chegar a casa o mais breve possivel e todavia a terra firme estava para mim como a agua para Tantalo. Vi-a; e tudo se ficava em vêl-a.

Foi-me anoitecendo ainda a grande distancia de casa. Custou-me a transigir com a necessidade de passar segunda noite no rio. Que me importava a mim o luar, a ardentia das aguas, as vaporações embalsamadas da natureza? Não sou poeta; já tive um pouco d'isso, é verdade, mas o que mais ambiciono presentemente é dormir na minha cama, comer á minha mesa, e calçar as minhas botas.

Finalmente não havia remedio senão conformar-me ás circumstancias; o homem nasceu para joguete; fui pois o que tem sido e ha de ser perpetuamente o meu similhante.

Cerrou-se-nos inteiramente a noite ao sopé das Victoreiras. O arraes deu voz de lançar ferro; os marinheiros iam cansados de tirar o barco á sirga e logo saltaram em terra para queimar sobre gravetos o seu bacalhau. Puxei do meu taleigo e comi uma fatia de presunto de fiambre e outra fatia de queijo.

Depois que gregos e troyanos se banquetearam com o frugal repasto, tractou-se de acamar e dormir.

Os marinheiros acobertaram-se com as mantas e romperam, tarauteando pelos narizes, em hymnos a Morpheu. Eu é que não nasci pagão; fui remisso em render culto á tetrica divindade mythologica. Mexi-me, remexi-me, rebuli-me e por mais d'uma vez accendi o meu rolinho de viagem para dar batalha a pulgas, persevejos e demais bicharia, que passava dos marinheiros para mim e de mim para os marinheiros.

Cerca das onze horas da noite pareceu-me ouvir de repente o baque de um corpo em terra, mas um segundo depois não pude duvidar ao ouvir um grito surdo como o de quem cahia contra o solo. Chamei afflictivamente os marinheiros, que despertaram roncando interrogações.

--Que foi? Que é? perguntaram elles.

--Ahi fóra cahiu gente!

--Quem havia de cahir, senhor!

--Ouvi distinctamente a queda, e um grito depois.

--Um grito!

--Posso affirmar; ouvi gritar com toda a certeza.

Instiguei-os, pedi-lhes instantemente que me acompanhassem. Elles accenderam o seu lampeãosinho e seguiram-me. Fomos marinhando pelas fragas á procura d'agulha em palheiro. Os marinheiros começavam a rir alvarmente e a dizer que eu era dado a medo de bruxas. De repente pareceu-me porém ouvir gemer. Intimei silencio. Os marinheiros trocaram entre si um olhar ironico, que para logo se volveu credulo, porque distinctamente ouviram um gemido.

--É alma perdida! disse um com voz tremula.

--É naturalmente corpo perdido, objectei eu. Calem-se. Vamos a vêr se nos orientamos.

Apoz um longo intervallo, ouvimos gemer do novo, se bem que mais debilmente. Podemos orientar-nos. Eu marinhei á frente dos homens, arrancando da mão d'um a lanterna. A pequena distancia pareceu-me vêr um vulto estendido no chão. Baixei o lampeão e reconheci um

corpo de mulher. Os marinheiros estavam attonitos e como que receiosos d'approximar-se. Fui eu quem, poisando o lampeão, levantou o corpo. E--surpreza extraordinaria!--vi uma bonita mulher, se bem que mortalmente pallida, nova, franzina, com o rosto ferido, ensanguentado. Estaria viva ou morta? Não sabiamos. A verdade é que estava fria como cadaver. Os marinheiros, capacitados de que não era bruxa, ajudaram-me a transportal-a ao barco. Deitamol-a, aspergimol-a, lavamos-lhe os ferimentos e nem tempo tivemos--eu pelo menos--para pensar no extraordinario do acontecimento. Hoje é que eu, ainda que mal, reflexiono e me confirmo que não ha romance que seja absurdo.

II

A formosa desconhecida continuava a estar immovel e fria, apesar dos cuidados que lhe prodigalisamos e que, attentas as nossas circumstancias, não podiam ser completos.

Sabe que eu não sou piegas nem romantico,--o que significa o mesmo, porque o romantecismo é a pieguice do espirito--mas confesso-lhe francamente que me horrorisaram a solidão, a escuridade, a massa negra das aguas e a massa negra das serras, o desamparo do homem entre a agua que é fria e a rocha que é dura, entre ambas que são mudas e surdas,--finalmente, o desagasalho, a impossibilidade de encontrar soccorro!

Como o Douro me pareceu differente d'aquelle extenso e caudaloso rio nosso conhecido, meu e seu, quasi sempre placido, povoado de barcos, animado de cantares, marginado de casinhas e campanarios que de longe a longe se penduram das fragas, n'uma palavra,

accidentado de tons variados e por mais d'uma vez festivos!

Ordinariamente, quando se viaja, tem-se saude. Vem a gente a lêr no barco, a fumar, a conversar os marinheiros, a incital-os a que cantem ao desafio, a comer a sua canja e a beber a sua pinga!

Nada nos apavora então! Quando o barco passa por baixo das Victoreiras, e se vê lá no alto, ameaçando eternamente despegar-se, aquella enorme avalanche negra, informe, nem siquer lembra que os fraguedos, que se encastellaram um dia, por uma evolução da natureza, podem rolar e precipitar-se alguma hora, por outra evolução imprevista. Contenta-se a gente com ouvir da bocca dos marinheiros uma tradição do sitio.

--Alli, dizem elles, é que os homens trahidos trazem as mulheres a despenhar-se.

Elles não dizem isto por estas palavras, mas digo eu. E a gente facilmente acredita que haja homens que se dêem ainda o incommodo de jornadear por algumas horas para despenhar as mulheres adulteras, que já estão despenhadas, e que haja mulheres, que depois de conhecerem o vicio, tenham a virtude de se deixar morrer!

A viagem pelo Douro, de dia, em boa disposição d'espirito e corpo, tem alguma coisa de idyllio, d'Arcadia, de creendice, coisas impossiveis de encontrar hoje em qualquer outra parte. É uma especie de Pantana, onde o carneiro assado parece saltar-nos aos dentes, e a borracha trepar-nos aos beiços, e onde a gente, olhando para as mãos, encontra cinco facas e cinco garfos! Onde é hoje que se póde encontrar a realidade d'este ideal de Pantana, a não ser n'uma viagem pelo Douro? Quem é hoje que come com a mão, desde que o Monteverde publicou o _Manual encyclopedico_, e nos exames do

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com